



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2298 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

A EDUCAÇÃO ESCOLAR NUMA COMUNIDADE NEGRA EM MATO GROSSO: OS RELATOS DOS GUARDIÕES DA HISTÓRIA

Luciano da Silva Pereira - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

A EDUCAÇÃO ESCOLAR NUMA COMUNIDADE NEGRA EM MATO GROSSO: OS RELATOS DOS GUARDIÕES DA HISTÓRIA

O objetivo deste ensaio é descrever os percursos travados pelos moradores na Comunidade Quilombola Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, localizada na cidade de Poconé, Estado de Mato Grosso para que de fato a educação se tornasse uma realidade nesse território. Metodologicamente, a pesquisa se insere na abordagem qualitativa etnográfica proposta por Geertz (2008) e alicerça na história oral de Alberti (2013). Como instrumento de coleta utilizou a observação e entrevistas com os guardiões da história da comunidade. Os resultados desvelam que a eles foram negados o direito a uma educação de qualidade, tendo que realizar acordos para que desde o início da primeira sala de aula, demonstrando que as lutas em conjunto com os movimentos negros e quilombolas foram/são essenciais para garantia das políticas públicas, sobretudo, a educação.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR NUMA COMUNIDADE NEGRA EM MATO GROSSO: OS RELATOS DOS GUARDIÕES DA HISTÓRIA

O objetivo deste ensaio é descrever os percursos travados pelos moradores na Comunidade Quilombola Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, localizada na cidade de Poconé, Estado de Mato Grosso para que de fato a educação se tornasse uma realidade nesse território. Metodologicamente, a pesquisa se insere na abordagem qualitativa etnográfica proposta por Geertz (2008) e alicerça na história oral de Alberti (2013). Como instrumento de coleta utilizou a observação e entrevistas com os guardiões da história da comunidade. Os resultados desvelam que a eles foram negados o direito a uma educação de qualidade, tendo que realizar acordos para que desde o início da primeira sala de aula, demonstrando que as lutas em conjunto com os movimentos negros e quilombolas foram/são essenciais para garantia das políticas públicas, sobretudo, a educação.

Palavras-chave: Quilombo do Chumbo. Educação Escolar. Identidade.

Introdução

O presente trabalho teve como objetivo conhecer as lutas travadas pelos moradores para escolarização na Comunidade Quilombola Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, como compreender as estratégias utilizadas por esses sujeitos nesse processo. Ao discutir sobre a escravidão ocorrida no Brasil é possível identificar que o país ainda tem um déficit social, moral e econômico para com a população negra. Durante o período escravocrata os negros foram submetidos a várias formas desumanas de tratamento, além de terem direitos privados, como, por exemplo, falta de moradia, de estudos, alimentação precária. (MOURA, 1988).

Porém, com a resistência e luta de muitos deles, a história desse segmento populacional começou a tomar rumos

diferentes. Segundo Moura, (1988) a maior organização contra a submissão dos senhores ocorria em forma de fugas coletivas e individuais, o que resultava na formação de quilombos.

Essas comunidades alternativas, ao serem criadas, eram estruturadas política e economicamente, lutando constantemente por seus ideais. Segundo Castilho (2011), elas perseguiram insistentemente a alforria, "buscavam autonomia na produção", investindo na criação de laços de família (CASTILHO, 2011, p. 62).

Incontestavelmente, o quilombo foi uma unidade básica de resistência do escravo. Seja pequeno, grande, estável ou de vida precária, onde existisse a escravidão, lá encontrava-se ele como elemento essencial para o desgaste do regime servil que era imposto aos negros, durando por muitos anos, permanecendo silenciado nas legislações, mesmo existindo e lutando contra o sistema eurocêntrico (MOURA, 1988).

Apesar das lutas dos movimentos negros, somente em 1988 com a promulgação da Constituição Federal, e que esses territórios quilombolas passam a ser reconhecidos novamente pelas políticas públicas e pela sociedade. Assim, a partir dessas mobilizações, surgem então algumas ações voltadas para as comunidades quilombolas, como por exemplo, o reconhecimento territorial, a certificação das terras, sobretudo, o lançamento de um importante programa, denominado "Brasil Quilombola" que tinha como desígnio garantir o ensino que respeitasse as especificidades históricas e culturais dessas localidades inseridas nas discussões do currículo educacional.

Em 1960^[1], o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio do censo populacional, demonstrou que a maioria da população Brasileira residia no meio rural. Nessa década, não existiam políticas públicas suficientes que contemplassem as necessidades globais, sobretudo, formativas dessa população. E, nesse sentido, é pertinente perguntar: Quais as dificuldades que os moradores dessa comunidade, tiveram que vivenciar para garantir a educação nesse território?

Nesse contexto, embora não haja registro oficial, havia grupos ou pessoas que lutavam, isoladamente, pelo acesso à escolarização nessas comunidades rurais, sobretudo, nos territórios quilombolas, como foi o caso da Comunidade quilombola Nossa Senhora Aparecida do Chumbo.

A Comunidade Quilombola do Chumbo, *locus* desta pesquisa, está localizada às margens da Rodovia Adauto Leite, na cidade de Poconé, Mato Grosso. A comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2005. Segundo os moradores, o território foi adquirido por meio de compra pelo fundador da comunidade, Manoel Metelo, descendente de escravizados que habitavam a região.

Metodologicamente, a pesquisa se insere na abordagem qualitativa e se alicerçou no método etnográfico proposto por Geertz (2008). Os principais instrumentos utilizados para a coleta de dados foram à observação participante e entrevistas semiestruturadas. Essas entrevistas objetivaram conhecer por meio de três moradores, esses processos de escolarização: Senhor Juca (67 anos), Senhora Ana (55 anos) e Senhor Juquinha (77 anos), residentes da comunidade do Chumbo, considerados as lideranças comunitárias e guardiões da história do grupo.

2. A educação no território quilombola

Uma das lutas travadas pelos moradores da comunidade do Chumbo, com desígnio de garantir seus direitos, foi à educação. O início da escolarização na comunidade está relacionada à luta desses moradores para garantir que a eles e aos seus, o direito a educação, mesmo sem a qualidade garantida nas legislações. Os relatos revelaram que, os moradores da comunidade atribuíam um grande valor à educação escolar e a ação delas se tornou essencial para a implantação e manutenção da primeira escola. Conforme relato do Seu Juca, o seu pai, Senhor Sebastião Rosa, foi o responsável pela criação da primeira sala de aula na comunidade, em 1960.

Ao perceber que seus filhos e as demais crianças e jovens da comunidade não poderiam permanecer sem estudar, foi em busca de uma professora para lecionar no local. Ficou sabendo de uma docente chamada Martinha Gonçalves de Lima, que lecionava numa comunidade vizinha, e foi procurá-la para trabalhar na Comunidade do Chumbo.

Ao encontrá-la, ela afirmou que, caso o Senhor Sebastião Rosa conseguisse autorização da Prefeitura Municipal, ela iria trabalhar na comunidade dele. Nas suas palavras: "[...] *papai, então, foi falar com o prefeito. O prefeito aceitou transferir ela, mas ele ia pagar somente o salário dela e mais nada*".

Assim ocorreu. Seu Sebastião foi procurar o gestor municipal e, após dialogarem, esse se responsabilizou somente pelo salário da docente. As demais obrigações, como a organização da infraestrutura, alimentação, materiais e transportes, ficaram sob a responsabilidade da comunidade. Seu Sebastião aceitou o acordo e, na mesma semana, a professora iniciou seus trabalhos na Comunidade do Chumbo.

No período de 1960 a 1963 as aulas, inicialmente, ocorriam debaixo de árvores: os alunos sentavam-se no chão ou em pedaços de tronco de árvores caídas ou cortadas. Posteriormente, em 1964, o Senhor Sebastião cedeu parte do seu terreno e, por meio de mutirão, construíram um espaço destinado à escola, de início, coberta de palha, sem paredes.

No período de chuvas, o andamento das aulas era prejudicado, como nos afirma seu Juquinha:

Eu estudei aqui. Eu estudei até a 4ª série. Nossa, foi difícil, mas a gente não queria parar. Não tinha lanche, não tinha

transporte, não tinha energia e cada um deveria comprar seu material. Lembro que às vezes **chovia e a gente saía correndo para dentro de casa** porque não tinha o prédio da escola, mas a gente era feliz com o estudo. (Seu Juquinha, 65 anos, grifos nossos).

Castilho (2011, p.154) assevera que, apesar do sol e da chuva serem elementos importantes para gerir a vida no meio rural, principalmente no que diz respeito ao cultivo de plantações alimentícias, tornam-se “inimigos dos professores e alunos, em dadas épocas do ano.” Alguns alunos iam a pé, ou a cavalo ou de carroça de boi.

Todas essas dificuldades trazem prejuízos escolares, são desestímulos aos que insistem em continuar estudando. No entanto, segundo os moradores pesquisados, a vontade de estudar superava esses e outros desafios existentes naquela época. Outra moradora relata que sem o estudo seria difícil permanecer na comunidade. A seu ver, seus filhos precisavam estudar para que pudessem ter um futuro promissor:

Olha! Eu agradeço a Deus por ter dado condições de a gente estudar e dar estudos para nossos filhos aqui na comunidade, porque se não a gente nem estaria morando aqui, teríamos que ir embora para cidade, pois eles precisam estudar. Então foi muito bom. (Dona Ana, 57 anos).

Esses depoimentos deixam entrever que as famílias atribuíam importância à escola e depositavam muita esperança nela. Talvez a vissem como única alternativa para a melhoria de vida de seus descendentes, os quais, diferentemente de seus pais, ou deles próprios, não tiveram a oportunidade de estudar, embora tenham criado as condições para efetivar-se a escolarização, mais adiante. Dessa forma, a escola foi “agarrada” com todas as forças pelos alunos, pelos pais e pela professora, mesmo que de forma precária.

Seu Juca relata que, apesar dos desafios, das lutas travadas inicialmente, a escolarização permanece em funcionamento na comunidade:

Vou te falar, hem... Foi difícil iniciar o estudo aqui, mas depois a gente não deixou parar. Também, sempre que vinha prefeito, vereador ou outros políticos, nós cobrávamos a construção da escola e o aumento das séries, pois antes tinha da 1ª à 4ª série, daí tinha que aumentar para todo mundo estudar. Graças a Deus, a gente conseguiu o estudo que tem aqui hoje. (Seu Juca, 76 anos).

Os relatos nos permitem afirmar que os moradores lutam constantemente para que o ensino seja ministrado na comunidade, buscando melhoria para infraestrutura e abertura de novas etapas/modalidades, de modo que todos, principalmente crianças e jovens, tenham oportunidade de concluir seus estudos.

Passado esse período de dificuldades, a educação ofertada na comunidade começa a tomar rumos diferentes, não com a qualidade que ainda muitos esperavam, mas diariamente, as dificuldades iam sendo superadas.

3 Considerações Finais

Ao percorrer a história dessa comunidade, deparei-me com uma população que por muito tempo permaneceu invisibilizada pelo poder público, mas que não se calou e buscou/busca diariamente se fazer ouvir pelos órgãos competentes, na luta pelo cumprimento dos direitos conquistados, seja na área da educação, saúde, assistência social, entre outros.

Os resultados desta pesquisa evidenciam as lutas travadas pela comunidade do Chumbo, para o início da escolarização na nesse território. Desvela ainda, a importância da união entre os moradores e dos movimentos sociais negros e quilombolas para que tais políticas públicas, sobretudo, a educação pudesse se tornar uma realidade nesse espaço, permitindo que esses sujeitos se tornassem visíveis pela sociedade.

Apesar de todas essas dificuldades, entre outras que foram surgindo durante o percurso educacional, os moradores da comunidade agradecem pelo ensino que ali foi/é ofertado. Eles relatam que sem o estudo seria difícil permanecer na comunidade, pois seus filhos precisavam estudar para que pudessem ter um futuro promissor, ou seja, veem na educação a oportunidade de realizar sonhos e melhorar as condições de vida.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado, 1988.

CASTILHO, Suely Dulce de. **Quilombo Contemporâneo**: Educação, Família e Cultura. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. I. ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1988.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico dos quilombos em África. In: MOURA, C. (Org.) **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001, p. 21-31.

[1] Dados do IBGE (1960). Residiam na zona urbana 32.004.817, já na zona rural 38.987.526. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>>. Acesso em: 10 jun. 2016.